

7.3.5. Diagnóstico da Área de Influência Indireta (AII) - Fauna

7.3.5.1. Descrição Geral

Mesmo considerando todos os avanços da Ciência, é extremamente difícil dizer com exatidão o número de espécies de fauna que ocorre em uma determinada região e até mesmo em um fragmento florestal. O conhecimento atual sobre a diversidade biológica do planeta é extremamente escasso (Wilson, 1997). O Estado de São Paulo apresenta grande número de estudos e bons registros relacionados às espécies de fauna silvestre. Apesar deste fato, ainda há carência de estudos referentes aos levantamentos faunísticos. A cobertura vegetal do Estado tem sido muito reduzida, resultando em *habitats* fragmentados, alterados pelo desmatamento e queimadas, incidindo diretamente na diversidade faunística.

Com a intensa fragmentação das florestas, ocorrem grandes chances de diminuição das populações de espécies de plantas e animais mais vulneráveis, isolando ainda aquelas que permanecem nas “ilhas” remanescentes de florestas. O processo de extinção é inevitável, o qual está sendo acelerado pelo Homem, em função do rápido desenvolvimento urbano sem terem sido observadas, muitas das vezes, as medidas adequadas à proteção das espécies da biota.

Quando a vegetação é fragmentada, vários processos ecológicos que envolvem a fauna e a flora são afetados: ocorre instabilidade de populações, comunidades e ecossistemas (Cairns, 1988); populações de algumas espécies podem aumentar, declinar ou serem eliminadas inteiramente, como consequência direta das mudanças do *habitat* (Lovejoy *et al.* 1986).

Com os isolamentos e diminuições em relação ao tamanho dos fragmentos, ocorre uma interferência na composição das comunidades levando à extinção espécies de baixas densidades e espécies do topo da cadeia trófica, como por exemplo, os carnívoros (onças, jaguatiricas, etc). Deste modo, os estudos de viabilidade de populações e monitoramento de reservas devem ser feitos em espécies chaves com base em estudos de autoecologia e dinâmica entre fragmentos (Gilbert, 1980, Soulé, 1987). Considerando-se que mamíferos são bons indicadores do estado de conservação em que um sistema biológico se encontra (Soulé & Wilcox, 1980), monitoramentos contínuos das populações destas áreas, tornam-se necessários para se avaliar os impactos das perturbações sobre a diversidade e abundância das espécies (Cerqueira *et al.*, 1995) O grupo de aves, sempre é o mais representativo nos levantamentos de fauna, por se adaptarem mais facilmente às formações de vegetações.

O fato da Serra do Japi ter sido decretada área protegida por diversos instrumentos legais (CONDEPHAAT, APA e Reserva Biológica), possibilitou interrupção do processo de degradação que normalmente ocorre em áreas ainda florestadas, resultando em riqueza faunística na região, conforme será descrito a seguir, ocorrendo muitas espécies ameaçadas de extinção e endêmicas da Mata Atlântica. Nesta região foram catalogadas 800 espécies de borboletas de todos os tamanhos e cores, muitas encontradas apenas no verão e outono, oriundas da Serra do Mar e Serra da Mantiqueira e até da Amazônia e Andes. Muitas destas espécies são endêmicas à região de domínio da Mata Atlântica. Cerca de 40% delas já foram identificadas na Serra do Mar e Mantiqueira, constituindo-se em domínio biológico de grande importância na herança genética das florestas neotropicais (Brown-Jr, in

Morelatto, 1992). Foram igualmente catalogadas espécies de anfíbios, répteis, aves e mamíferos.

No caso dos anfíbios, foram identificadas 30 espécies (sapos, rãs e pererecas), incluindo um sapo que não era conhecido na Serra do Japi, registrado como endêmico no Parque Estadual de Itatiaia. Isso demonstra, claramente, que a fauna da área tem forte influência de elementos que também ocorrem na Serra da Mantiqueira. Esses pequenos e venenosos anfíbios de 2 cm só ocorrem na Serra do Japi em épocas úmidas e frias. Há uma outra espécie de sapo, o *Proceratophrys*, que ocorre no folhiço da Serra. Tem a boca imensa, alimenta-se de outros anfíbios e fica totalmente camuflado no solo. Partes destas espécies são comuns às Serras da Mantiqueira e do Mar, além de regiões adjacentes pertencentes ao Conjunto da Serra do Japi. Foi estudada igualmente a distribuição das espécies que vivem no chão da mata, verificando-se a influência, da altitude e da distância em relação a corpos d'água, sobre esses anfíbios.

Através de estudos foram identificadas 19 espécies de serpentes, lagartos e anfisbena (cobra-cega). O encontro de espécies típicas de áreas abertas - como a cascavel - em áreas fechadas, pode ser indicativo de alterações do ambiente devido à ação antrópica. As serpentes têm papel importante na regulação de roedores e como predadores chamados de "topo", em determinados pontos. Uma cobra venenosa tem vários componentes de seu veneno que são usados como matéria-prima para medicamentos, como por exemplo, para o tratamento cardíaco, pois atuam como controladores da pressão.

No que respeita às aves, foram catalogadas 240 espécies. Algumas dessas espécies são também encontradas na Floresta Atlântica da Serra do Mar, na Serra da Mantiqueira e nas matas semidecíduas do interior paulista, o que é mais um indicativo da condição ecotonal da área. No entanto, há espécies de grande interesse científico no Conjunto da Serra do Japi, quer seja pela falta de informações a seu respeito, ou pelo fato de estarem ameaçadas em outras regiões ou ainda por constituírem bons indicadores de perturbação, o que reforça a necessidade de estudos mais aprofundados.

Em pesquisas referentes à mastofauna foram registradas 44 espécies. Os levantamentos têm base na ocorrência de espécies em regiões adjacentes e no fato de que as áreas mais altas da Serra do Japi não foram amostradas. Esse número é provavelmente muito inferior à verdadeira riqueza de mamíferos do local que, estima-se, poderia quase dobrar em número com a realização de levantamentos mais detalhados. Estudos de médio e longo prazo sobre as populações de mamíferos do Conjunto da Serra do Japi terão a função de fornecer subsídios para o diagnóstico e para o monitoramento destas áreas. A presença de predadores como a espécie *Leopardus pardalis* (jaguaritica) e a *Puma concolor* (onça-parda), além de espécies endêmicas da Mata Atlântica, faz do Conjunto da Serra do Japi uma das mais importantes áreas em termos conservacionistas do Estado de São Paulo.

As listagens a seguir apresentam informações de ocorrência confirmada de espécies de anfíbios, répteis, aves e mamíferos, através de levantamento bibliográfico de trabalhos realizados na AII.

7.3.5.2. Listagem da Fauna Silvestre de Ocorrência na AI

Quadro 7.3.5.2.1. - Lista de Anfíbios AI

Família	Nome Científico	Nome Popular
Brachycephalidae	<i>Brachycephalus ephippium</i>	botão-de-ouro, pingo-de-ouro
Bufonidae	<i>Bufo crucifer</i>	sapo
Bufonidae	<i>Bufo ictericus</i>	sapo, cururu
Centrolenidae	<i>Centrolenella cf. eurygnatha</i>	rã-de-vidro
Hylidae	<i>Hyla albopunctata</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla arildae</i>	perereca-verde
Hylidae	<i>Hyla bischoffi</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla faber</i>	sapo-ferreiro, sapo-martelo
Hylidae	<i>Hyla leucopygia</i>	perereca-verde
Hylidae	<i>Hyla luctuosa</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla minuta</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla prasina</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla sanborni</i>	perereca
Hylidae	<i>Hyla sp. (aff. circumdata)</i>	perereca
Hylidae	<i>Phasmahyla cochraniae</i>	perereca-de-folhagem
Hylidae	<i>Phyllomedusa burmeisteri</i>	perereca-de-folhagem
Hylidae	<i>Scinax fuscovaria</i>	perereca-do-banheiro
Hylidae	<i>Scinax hayii</i>	perereca
Hylidae	<i>Scinax hiemalis</i>	perereca-do-inverno
Leptodactylidae	<i>Crossodactylus sp.</i>	rãzinha-do-riacho
Leptodactylidae	<i>Eleutherodactylus binotatus</i>	rã-da-mata
Leptodactylidae	<i>Eleutherodactylus guentheri</i>	rãzinha
Leptodactylidae	<i>Eleutherodactylus juipoca</i>	rãzinha-capim
Leptodactylidae	<i>Eleutherodactylus parvus</i>	rãzinha
Leptodactylidae	<i>Hylodes cf. ornatus</i>	rã-das-cachoeiras
Leptodactylidae	<i>Leptodactylus cf. ocellatus</i>	rã-manteiga, rã-mirim
Leptodactylidae	<i>Odontophrynus americanus</i>	sapinho
Leptodactylidae	<i>Physalaemus cuvieri</i>	foi-não-foi, rã-cachorro
Leptodactylidae	<i>Proceratophrys boiei</i>	sapo-de-chifre, sapo-folha
Microhylidae	<i>Elachistocleis ovale</i>	sapo-guarda

(*) Espécie incluída na Lista do Estado de São Paulo da Fauna Ameaçada de Extinção - Decreto Estadual nº 42.838 de 04/02/98 – SMA. (**) Espécie incluída na Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção de 05/06/03 – MMA.

Quadro 7.3.5.2.2. - Lista de Répteis AI

Família	Nome Científico	Nome Popular
Amphisbaenidae	<i>Amphisbaena alba</i>	cobra-cega
Colubridae	<i>Chironius bicarinatus</i>	cobra-cipó
Colubridae	<i>Chironius exoletus</i>	cobra-cipó
Colubridae	<i>Dipsas bucephala</i>	dormideira, jararaca
Colubridae	<i>Erythrolamprus aesculapii</i>	coral, cobra-coral
Colubridae	<i>Liophis miliaris</i>	cobra-d'água
Colubridae	<i>Oxyrhopus guibei</i>	cobra-coral
Colubridae	<i>Philodryas olfersii</i>	cobra-verde
Colubridae	<i>Philodryas patagoniensis</i>	parelheira
Colubridae	<i>Rhadinaea affinis</i>	cobra-da-madeira
Colubridae	<i>Spilotes pullatus</i>	caninana
Colubridae	<i>Xenodon neuwiedii</i>	boipeva
Gymnophthalmidae	<i>Pantodactylus schreibersii</i>	lagarto
Polychridae	<i>Enyalius iheringii</i>	camaleão
Polychridae	<i>Urostrophus vaultieri</i>	lagarto
Scincidae	<i>Mabuya frenata</i>	lagartixa
Teiidae	<i>Tupinambis teguixin</i>	teiú, lagarto
Viperidae	<i>Bothrops jararaca</i>	jararaca
Viperidae	<i>Crotalus durissus</i>	cascavel

(*) Espécie incluída na Lista do Estado de São Paulo da Fauna Ameaçada de Extinção - Decreto Estadual nº 42.838 de 04/02/98 – SMA. (**) Espécie incluída na Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção de 05/06/03 – MMA.

Quadro 7.3.5.2.3. - Lista de Aves All

Família	Nome Científico	Nome Popular
Accipitridae	<i>Accipiter bicolor</i>	gavião-caçador-bicolor
Accipitridae	<i>Buteo albicaudatus</i>	curucuturi
Accipitridae	<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta
Accipitridae	<i>Elanus leucurus</i>	gavião-peneira
Accipitridae	<i>Ictinea plumbea</i>	gavião-sauveiro
Accipitridae	<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó
Accipitridae	<i>Spizaetus tyrannus</i>	gavião-pegas-macaco (*)
Anatidae	<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê
Anatidae	<i>Amazonetta brasiliensis</i>	ananaí
Apodidae	<i>Chaetura andrei</i>	taperá
Apodidae	<i>Cypseloides fumigatus</i>	taperuçu-cinza
Apodidae	<i>Streptoprocne zonaris</i>	andorinhão-de-coleira-branca
Aramidae	<i>Aramus guarauna</i>	carão
Ardeidae	<i>Ardea cocoi</i>	socó-grande
Ardeidae	<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira
Ardeidae	<i>Butorides striatus</i>	socozinho
Ardeidae	<i>Casmerodius albus</i>	garça-branca-grande
Ardeidae	<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena
Ardeidae	<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira
Bucconidae	<i>Malacoptila striata</i>	joão-barbudo
Bucconidae	<i>Nystalus chacuru</i>	joão-bobo
Caprimulgidae	<i>Caprimulgus parvulus</i>	bacurau-claro
Caprimulgidae	<i>Hydropsalis brasiliensis</i>	bacurau-tesoura
Caprimulgidae	<i>Nyctidromus albigollis</i>	curiango
Cariamidae	<i>Cariama cristata</i>	seriema
Cathartidae	<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha
Cathartidae	<i>Coragyps atratus</i>	urubu-comum
Cathartidae	<i>Sarcorampus papa</i>	urubu-rei (*)
Charadriidae	<i>Venellus chilensis</i>	quero-quero
Ciconiidae	<i>Ciconia maguari</i>	maguari, joão-grande
Columbidae	<i>Columba cayennensis</i>	pomba-galega
Columbidae	<i>Columba livia</i>	pombo-doméstico
Columbidae	<i>Columba picazuro</i>	pombão, asa-branca
Columbidae	<i>Columba plumbea</i>	pomba-amargosa
Columbidae	<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha
Columbidae	<i>Geotrygon montana</i>	juriti-vermelha
Columbidae	<i>Geotrygon violacea</i>	juriti-piranga (*)
Columbidae	<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-gemeadeira
Columbidae	<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti
Columbidae	<i>Zenaidura macroura</i>	avoante
Corvidae	<i>Cyanocorax chrysops</i>	gralha-de-crista-negra
Corvidae	<i>Cyanocorax cristatellus</i>	gralha-de-topete
Cotingidae	<i>Phibalura flavirostris</i>	tesourinha
Cotingidae	<i>Platypsaris rufus</i>	caneleiro
Cotingidae	<i>Procnias nudicollis</i>	araponga
Cotingidae	<i>Pyroderus scutatus</i>	pavó, pavão-do-mato (*)
Cotingidae	<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco
Cracidae	<i>Penelope superciliosa</i>	jacupemba
Cuculidae	<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto
Cuculidae	<i>Guiraca guiraca</i>	anu-branco
Cuculidae	<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato
Cuculidae	<i>Tapera naevia</i>	saci
Dendrocolaptidae	<i>Lepidocolaptes fuscus</i>	arapaçu-rajado
Dendrocolaptidae	<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde
Emberizidae	<i>Agelaius cyanopus</i>	dorémi-preto
Emberizidae	<i>Ammodramus humeralis</i>	tico-tico-do-campo-verdadeiro
Emberizidae	<i>Arremon flavirostris</i>	tico-tico-de-bico-amarelo
Emberizidae	<i>Arremon taciturnus</i>	tico-tico-do-mato
Emberizidae	<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula
Emberizidae	<i>Basileuterus flaveolus</i>	mariquita-amarela
Emberizidae	<i>Basileuterus hypoleucos</i>	mariquita-de-peito-branco

Família	Nome Científico	Nome Popular
Emberizidae	<i>Basileuterus leucoblepharus</i>	mariquita-de-sombrancelhas-brancas
Emberizidae	<i>Coereba flaveola</i>	sebinho, cambacica
Emberizidae	<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-de-rabo-castanho
Emberizidae	<i>Coryphospingus cucullatus</i>	tico-tico-rei
Emberizidae	<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul
Emberizidae	<i>Emberizoides herbicola</i>	tibirro
Emberizidae	<i>Euphonia chlorotica</i>	fi-fi-verdadeiro
Emberizidae	<i>Euphonia musica</i>	gaturamo-rei
Emberizidae	<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro
Emberizidae	<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	pia-cobra
Emberizidae	<i>Habia rubica</i>	tiê-da-mata
Emberizidae	<i>Haplospiza unicolor</i>	catatau
Emberizidae	<i>Parula pitiayumi</i>	mariquita
Emberizidae	<i>Pipraeidae melanonota</i>	saíra-sapucaia
Emberizidae	<i>Piranga flava</i>	sanhaço-de-fogo
Emberizidae	<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	chopim-do-brejo
Emberizidae	<i>Saltator similis</i>	tempera-viola
Emberizidae	<i>Sporophila caerulescens</i>	coleirinho, papa-capim
Emberizidae	<i>Stephanophorus diadematus</i>	sanhaço-frade
Emberizidae	<i>Tachyphonus coronatus</i>	tiê-preto
Emberizidae	<i>Tangara cayana</i>	saíra-amarelo
Emberizidae	<i>Tangara desmaresti</i>	saíra-verde-dourado
Emberizidae	<i>Thraupis cyanopectus</i>	sanhaço-de-encontro-azul
Emberizidae	<i>Thraupis ornata</i>	sanhaço-cinza
Emberizidae	<i>Thraupis palmarum</i>	sanhaço-do-coqueiro
Emberizidae	<i>Thraupis sayaca</i>	sanhaço-cinza
Emberizidae	<i>Tlypopsis sordida</i>	saíra-canário
Emberizidae	<i>Trichothraupis melanops</i>	tiê-de-espelho
Emberizidae	<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu
Emberizidae	<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico
Estrildidae	<i>Estrilda astrild</i>	bico-de-lacre
Falconidae	<i>Falco femoralis</i>	falcão-de-coleira
Falconidae	<i>Falco sparverius</i>	quiriquiri
Falconidae	<i>Herpetotheres cachinnans</i>	acauã
Falconidae	<i>Micrastur ruficollis</i>	falcão-mateiro
Falconidae	<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro
Falconidae	<i>Polyborus plancus</i>	caracará
Thamnophilidae	<i>Batara cinerea</i>	matraca
Thamnophilidae	<i>Conopophaga lineata</i>	chupa-dente
Thamnophilidae	<i>Drymophila ferruginea</i>	trovoada
Thamnophilidae	<i>Drymophila malura</i>	formigueiro-de-cauda-preta
Thamnophilidae	<i>Drymophila rubicollis</i>	choquinha
Thamnophilidae	<i>Dysithamnus mentalis</i>	choca olivácea
Thamnophilidae	<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	asas-vermelhas
Thamnophilidae	<i>Hypodaleus guttatus</i>	chocão-pontilhado
Thamnophilidae	<i>Mackenziaena leachii</i>	borralha-de-cauda-comprida
Thamnophilidae	<i>Mackenziaena severa</i>	borralha
Thamnophilidae	<i>Myrmotherula gularis</i>	formigueiro-estrelado
Thamnophilidae	<i>Pyrglena leucoptera</i>	olho-de-fogo
Thamnophilidae	<i>Thamnophilus caerulescens</i>	choquinha
Thamnophilidae	<i>Thamnophilus doliatus</i>	choca-barrada
Thamnophilidae	<i>Thamnophilus punctatus</i>	choca-pintalgada
Thamnophilidae	<i>Thamnophilus ruficapillus</i>	choca-de-coroa-vermelha
Fringillidae	<i>Myospiza humeralis</i>	tico-tico-de-campo
Fringillidae	<i>Carduelis magellanica</i>	pintassilgo
Furnariidae	<i>Anabazenops fuscus</i>	trepador-coleiro
Furnariidae	<i>Automolus leucophthalmus</i>	limpa-folha-olho-branco
Furnariidae	<i>Certhiaxis cinnamomea</i>	marrequito-do-brejo
Furnariidae	<i>Synallaxis frontalis</i>	petrim
Furnariidae	<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro
Furnariidae	<i>Lochmias nematura</i>	capitão-da-porcária
Furnariidae	<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i>	joão-botina
Furnariidae	<i>Sclerurus scansor</i>	vira-folha

Família	Nome Científico	Nome Popular
Furnariidae	<i>Synallaxis albescent</i>	bentererê
Furnariidae	<i>Synallaxis cinerascens</i>	bentererê-de-peito-cinza
Furnariidae	<i>Synallaxis frontalis</i>	crispim
Furnariidae	<i>Synallaxis ruficapilla</i>	joão-teneném
Furnariidae	<i>Synallaxis spixi</i>	turucuê
Furnariidae	<i>Xenops rutilans</i>	caçador-de-arvore-estriado
Hirundinidae	<i>Notiochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa
Hirundinidae	<i>Phaeoprogne tapera</i>	andorinha-do-campo
Hirundinidae	<i>Progne chalybea</i>	andorinha-doméstica-grande
Hirundinidae	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serrador
Hirundinidae	<i>Tachycineta leucorrhoa</i>	sombrancelhas-brancas
Jacaniidae	<i>Jacana jacana</i>	jaçaná
Mimidae	<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo, arrebita-rabo
Turdidae	<i>Platycichla flavipes</i>	sabiá-una
Turdidae	<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira
Turdidae	<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-pardo
Turdidae	<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-branco
Turdidae	<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira
Nyctibiidae	<i>Nyctibius griseus</i>	mãe-da-lua
Passeridae	<i>Passer domesticus</i>	pardal
Phalacrocorax	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	biguá
Anhingiidae	<i>Anhinga anhinga</i>	biguatinga
Picidae	<i>Campephilus melanoleucos</i>	pica-pau-de-topete-vermelho
Picidae	<i>Ceuleus flavescens</i>	joão-velho
Picidae	<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo
Picidae	<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado
Picidae	<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca
Picidae	<i>Melanerpes candidus</i>	birro
Picidae	<i>Picumnus cirratus</i>	pica-pau-anão-barrado
Picidae	<i>Picumnus temminckii</i>	picapauzinho-de-pescoço-castanho
Picidae	<i>Veniliornis spilogaster</i>	pica-pau-verde-carijó
Pipridae	<i>Chiroxiphia caudata</i>	tangará
Pipridae	<i>Manacus manacus</i>	rendeira
Pipridae	<i>Neopelma aurifrons</i>	fruxu
Pipridae	<i>Schiffornis virescens</i>	flautim
Psittacidae	<i>Brotogeris tirica</i>	periquito-verde
Psittacidae	<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim
Psittacidae	<i>Pionus maximiliani</i>	maitaca
Rallidae	<i>Aramides cajanea</i>	saracura-três-potes
Rallidae	<i>Porzana albicollis</i>	saracura-sanã-carijó
Rallidae	<i>Rallus nigricans</i>	saracura-sanã
Ramphastidae	<i>Ramphastos toco</i>	tucano, tucanuçu
Strigidae	<i>Otus choliba</i>	corujinha-do-mato
Strigidae	<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i>	murucutu-pequena
Strigidae	<i>Rhinoptynx clamator</i>	coruja-orelhuda
Strigidae	<i>Speotyto cunicularia</i>	coruja-buraqueira
Thraupidae	<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	bico-de-veludo
Thraupidae	<i>Trichothraupis ruficapilla</i>	saira-de-cabeça-castanha
Tinamidae	<i>Crypturellus obsoletus</i>	inambu-guaçu
Tinamidae	<i>Crypturellus parvirostris</i>	inambu-xororó
Tinamidae	<i>Crypturellus tataupa</i>	inambu-xintã
Tinamidae	<i>Nothura maculosa</i>	codorna-comum
Trochilidae	<i>Amazilia fimbriata</i>	beija-flor-de-garganta-verde
Trochilidae	<i>Amazilia lactea</i>	beija-flor-verde-peito-azul
Trochilidae	<i>Amazilia versicolor</i>	beija-flor-verde-furta-cor
Trochilidae	<i>Calliphlox amethystina</i>	besourinho-ametista
Trochilidae	<i>Chlorostilbon aureoventris</i>	beija-flor-de-bico-vermelho
Trochilidae	<i>Colibri serrirostris</i>	orelhudo
Trochilidae	<i>Eupetomena macroura</i>	tesourão
Trochilidae	<i>Leucochloris albicollis</i>	beija-flor-papo-branco
Trochilidae	<i>Lophornis chalybea</i>	topetinho-escuro
Trochilidae	<i>Melanotrochilus fuscus</i>	beija-flor-preto
Trochilidae	<i>Phaethornis eurynome</i>	rabo-branco-de-mata

Família	Nome Científico	Nome Popular
Trochilidae	<i>Phaethornis pretei</i>	rabo-branco-limpa-casa
Trochilidae	<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-verde
Troglodytidae	<i>Donacobius atricapillus</i>	japacamim
Troglodytidae	<i>Troglodytes aedon</i>	corruíra
Tyrannidae	<i>Arundinicola leucocephala</i>	viuvinha
Tyrannidae	<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha
Tyrannidae	<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho
Tyrannidae	<i>Colonia colonus</i>	viúva
Tyrannidae	<i>Contopus cinereus</i>	papa-mosca-fuliginoso
Tyrannidae	<i>Elaenia flavogaster</i>	cucurutado
Tyrannidae	<i>Elaenia mesoleuca</i>	tucão
Tyrannidae	<i>Elaenia obscura</i>	guaracava
Tyrannidae	<i>Empidonax euleri</i>	papa-mosca-pardo
Tyrannidae	<i>Empidonax varius</i>	mosqueteiro-listrado
Tyrannidae	<i>Gubernates yetapa</i>	tesoura-do-brejo
Tyrannidae	<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	tachuri-campainha
Tyrannidae	<i>Hemitriccus orbitatus</i>	tiririzinho-da-mata
Tyrannidae	<i>Hirundinea ferruginea</i>	joão-pires
Tyrannidae	<i>Idioptilon nidipendulum</i>	sebinho-pendura-ninho
Tyrannidae	<i>Idioptilon orbitatum</i>	sebinho-de-olho-anelado
Tyrannidae	<i>Knipolegus cyanirostris</i>	maria-preta-de-bico-azulado
Tyrannidae	<i>Knipolegus lophotes</i>	maria-preta-de-penhacho
Tyrannidae	<i>Lafrotriccus eulophotes</i>	tiririzinho-do-mato
Tyrannidae	<i>Legatus leucophaeus</i>	bem-te-vi-pirata
Tyrannidae	<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	papa-mosca-de-capuz
Tyrannidae	<i>Machetornis rixosus</i>	bem-te-vi-do-gado
Tyrannidae	<i>Megarynchus pitangua</i>	bem-te-vi-de-bico-chato
Tyrannidae	<i>Muscipira vetula</i>	papa-mosca-cinza
Tyrannidae	<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira
Tyrannidae	<i>Myiarchus swainsoni</i>	irirê
Tyrannidae	<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado
Tyrannidae	<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe
Tyrannidae	<i>Myiornis auricularis</i>	sebinho-de-orelhas
Tyrannidae	<i>Myiozetetes similis</i>	mosqueteiro-de-topete-vermelho
Tyrannidae	<i>Pachyrhamphus polychropterus</i>	asa-branca
Tyrannidae	<i>Phyllomyias fasciatus</i>	piolinho
Tyrannidae	<i>Pipromorpha rufiventris</i>	abre-asas-de-barriga-vermelha
Tyrannidae	<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi
Tyrannidae	<i>Platyrinchus mystaceus</i>	bico-chato-de-crista-amarela
Tyrannidae	<i>Satrapa icterophrys</i>	suiriri-pequeno
Tyrannidae	<i>Serpophaga subcristata</i>	alegrinho
Tyrannidae	<i>Todirostrum cinereum</i>	sebinho-relógio
Tyrannidae	<i>Todirostrum plumbeiceps</i>	sebinho-de-face-ocre
Tyrannidae	<i>Todirostrum poliocephalum</i>	teque-teque
Tyrannidae	<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	mosqueteiro-oliváceo
Tyrannidae	<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri
Tyrannidae	<i>Tyrannus savana</i>	tesoura
Tyrannidae	<i>Xolmis velata</i>	noivinha-branca
Tytonidae	<i>Tyto alba</i>	suindara
Rallidae	<i>Gallinula chloropus</i>	frango-d'água-comum
Vireonidae	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari
Vireonidae	<i>Hylophilus poicilotis</i>	juruvira-de-coroa-castanha
Vireonidae	<i>Vireo olivaceus</i>	juruvira

(*) Espécie incluída na Lista do Estado de São Paulo da Fauna Ameaçada de Extinção - Decreto Estadual nº 42.838 de 04/02/98 – SMA. (**) Espécie incluída na Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção de 05/06/03 – MMA.

Quadro 7.3.5.2.4. - Lista de Mamíferos All

Família	Nome Científico	Nome Popular
Didelphidae	<i>Didelphis albiventris</i>	gambá-de-orelhas-brancas
Didelphidae	<i>Didelphis aurita</i>	gambá-de-orelhas-pretas
Didelphidae	<i>Philander opossum</i>	cuíca, cuíca-de-quatro-olhos
Dasypodidae	<i>Dasybus novencinctus</i>	tatu-galinha
Atelidae	<i>Alouatta guariba</i>	bugio (*)
Callithrichidae	<i>Callithrix aurita</i>	sagüi-da-serra-escuro (*) (**)
Callithrichidae	<i>Callithrix penicillata</i>	sagüi-de-tufos-pretos (*)
Cebidae	<i>Callicebus nigrifrons</i>	sauá (*)
Canidae	<i>Cerdocyon thous</i>	cachorro-do-mato
Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	quati
Procyonidae	<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada (*)
Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	irara
Mustelidae	<i>Galictis jacus</i>	furão
Mustelidae	<i>Lontra longicaudis</i>	lontra (*)
Felidae	<i>Leopardus pardalis</i>	jagatirica (*) (**)
Felidae	<i>Leopardus tigrinus</i>	gato-do-mato-pequeno (*) (**)
Felidae	<i>Puma concolor</i>	onça-parda (*) (**)
Felidae	<i>Panthera onca</i>	onça-pintada (*) (**)
Cervidae	<i>Mazama americana</i>	veado-mateiro
Cervidae	<i>Mazama gouazoubira</i>	veado-catingueiro
Tayassuidae	<i>Tayassu tajacu</i>	cateto, catitu
Sciuridae	<i>Sciurus ingrami</i>	serelepe, caxinguelê
Cricetidae	<i>Akodon sp.</i>	rato-do-campo
Muridae	<i>Bolomys lasiurus</i>	rato-do-mato
Muridae	<i>Mus musculus</i>	camundongo
Myocastoridae	<i>Myocastor coypus</i>	ratão-do-banhado
Erethizontidae	<i>Coendou villosus</i>	ouriço-cacheiro
Caviidae	<i>Cavia aperea</i>	preá
Hydrochaeridae	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	capivara
Agoutidae	<i>Agouti paca</i>	paca (*)
Dasyproctidae	<i>Dasyprocta azarea</i>	cutia (*)
Leporidae	<i>Lepus capensis</i>	lebre-européia
Leporidae	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	tapiti
Molossidae	<i>Molossus molossus</i>	morcego
Molossidae	<i>Tadarida brasiliensis</i>	morcegozinho-das-casas
Phyllostomidae	<i>Anoura caudifera</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Artibeus lituratus</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Artibeus planirostris</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Carollia perspicillata</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Chiroderma doriae</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Desmodus rotundus</i>	vampiro comum
Phyllostomidae	<i>Phatyrhinus lineatus</i>	morcego
Phyllostomidae	<i>Sturmira lilium</i>	morcego
Vespertilionidae	<i>Myotis nigricans</i>	morcego-borboleta

(*) Espécie incluída na Lista do Estado de São Paulo da Fauna Ameaçada de Extinção - Decreto Estadual nº 42.838 de 04/02/98 - SMA. (**) Espécie incluída na Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção de 05/06/03 - MMA.

Resumidamente, apresenta-se a seguir o número de espécies da fauna silvestre de ocorrência na All:

- 30 espécies de anfíbios, distribuídas em 06 Famílias;
- 19 espécies de répteis, distribuídas em 07 Famílias;
- 240 espécies de aves, distribuídas em 45 Famílias;

- 44 espécies de mamíferos, distribuídas em 23 Famílias.

A All é uma região muito rica em relação à fauna e, conseqüentemente, à flora, em função de preservação do local, pese a incidência de incêndios florestais, cortes ilegais de sua vegetação e caça predatória, que apesar da legislação existente e de sua fiscalização, ainda ocorrem infelizmente.

7.3.6. Diagnóstico da Área de Influência Direta (AID) - Fauna

7.3.6.1. Descrição Geral

Na AID foi possível identificar quatro fragmentos de mata (vide **Figura 7.3.3.1**), sendo que o fragmento A3.4 é o único que tem conectividade com a ADA. Os fragmentos A3.1, A3.2 e A3.3, não possuem uma boa conectividade, pois estão situados entre barreiras físicas, formadas por bairros e avenidas.

A intensa fragmentação do ambiente florestal e a conseqüente alteração e eliminação dos *habitats*, associada ao efeito de borda dos fragmentos de mata, certamente acarretou efeitos danosos às comunidades animais, modificando as populações naturais. De um modo geral, espécies mais generalistas se aproveitam da situação fragmentária, aumentando sua densidade. Por outro lado, espécies confinadas a zonas de alimentação estreitas (especialistas) sentem mais a perturbação já que são dependentes de *habitats* mais estáveis. Na AID as áreas remanescentes estão envolvidas por forte antropização (estradas, áreas urbanizadas, propriedades rurais, entre outros).

Essas barreiras físicas acabam atingindo fortemente a fauna silvestre e, na seqüência, a extinção acaba sendo inevitável, mesmo que seja um processo natural. Atualmente, a extinção encontra-se mais acelerada por ações antrópicas. Alguns problemas são visíveis, interferindo na extinção das espécies, como por exemplo: a destruição dos *habitats*, isolamento dos fragmentos de mata, poluição do ar, águas e solos, o atropelamento de animais silvestres nas estradas e a caça predatória, ainda presente na região.

A fauna silvestre presente nos fragmentos de mata e nos diversos *habitats* da AID é um pouco compatível com a que ocorre na ADA, o que já difere da All que é bem mais diversificada e rica.

Nestas paisagens muito fragmentadas, destacam-se as espécies generalistas, com maior capacidade de explorar recursos variados, possuindo, portanto, maior possibilidade de explorar o entorno do fragmento de mata. Contudo, a utilização do entorno está diretamente relacionada à composição da paisagem, no que se refere ao número, tamanho e forma dos fragmentos, bem como a presença de fragmentos maiores e preservados, que possibilitam uma maior diversidade de espécies. Especificamente para a AID, não existem áreas remanescentes da vegetação original em estágio avançado de regeneração, mas, mosaicos compostos por vegetação secundária em estágios médio e inicial de regeneração, conforme descrito anteriormente.

A fauna consegue transitar pela AID utilizando-se dos fragmentos de mata, dos pastos abandonados e dos reflorestamentos de eucaliptos. Estes fragmentos na paisagem regional são considerados os prováveis refúgios para a fauna existente na região e, portanto, importantes para preservação.

7.3.6.2. Listagem da Fauna Silvestre de Ocorrência na AID

Através de levantamentos bibliográficos e de trabalhos realizados em campo, a fauna encontrada na AID é relativamente compatível com a da ADA. Dentre as espécies identificadas, destacam-se as seguintes:

- **Mamíferos:** *Cerdocyon thous* (cachorro-do-mato), *Galictis cuja* (furão), *Procyon cancrivorus* (guaxinim), *Mazama gouazoubira* (veado-catingueiro), *Alouatta guariba* (bugio), *Callithrix penicillata* (sagüi-de-tufos-pretos), *Dasypus novemcinctus* (tatu-galinha), *Hydrochaeris hydrochaeris* (capivara), *Coendou villosus* (ouriço-cacheiro), *Agouti paca* (paca), *Myocastor coypus* (rato-do-banhado), *Sciurus ingrami* (serelepe), *Sylvilagus brasiliensis* (tapeti), entre outras;
- **Aves:** *Buteo brachyurus* (gavião-branco-de-cauda-curta), *Falco femoralis* (falcão-de-coleira), *Syrigma sibilatrix* (maria-faceira), *Tigrisoma lineatum* (socó-boi), *Ceryle torquata* (martim-pescador-grande), *Rallus nigricans* (saracura-sanã), *Penelope supercilialis* (jacupemba), *Ramphastos toco* (tucano), *Sittasomus griseicapillus* (arapaçu-verde), *Amazona amazonica* (papagaio-galego), *Tinamus solitarius* (macuco), *Thamnophilus caerulescens* (choca-da-mata), *Saltator similis* (trinca-ferro-verdadeiro), *Turdus rufiventris* (sabiá-laranjeira), *Pitangus sulphuratus* (bem-te-vi), *Muscivora tyrannus* (tesoura), *Thraupis sayaca* (sanhaço-cinzentos), entre outras;
- **Répteis:** *Hydromedusa tectifera* (cágado-cabeça-de-cobra), *Tupinambis teguixim* (teiú), *Enyalius iheringii* (camaleão), *Erythrolamprus* sp. (cobra-coral), *Spilotes pullatus* (caninana), *Micrurus lemniscatus* (coral-verdadeira), *Crotalus durissus* (cascavel), *Bothrops alternatus* (urutu), *Bothrops jararaca* (jararaca), *Bothrops jararacussu* (jaracuçu), entre outras;
- **Anfíbios:** *Brachycephalus ephippium* (pingo-de-ouro), *Bufo ictericus* (sapo-cururu), *Hyla faber* (sapo-martelo), *Proceratophrys boiei* (sapo-foi-não-foi), *Leptodactylus fuscus* (rã-assobiadora), entre outras.

A avifauna é o maior grupo de vertebrados terrestres representado na AID. Esse grupo é composto principalmente por espécies generalistas, comuns e de vasta distribuição geográfica no território nacional, consideradas sinântropas (Sick, 2001). Adaptam-se bem a ambientes alterados pelo homem, sendo que algumas delas são indicadoras de ambientes com forte grau de artificialização (Furness & Greenwood, 1994).

A AID encontra-se segmentada por duas Rodovias (Anhangüera e Bandeirantes), avenidas e bairros residenciais (Vila Maringá e Malota, entre outros).

As rodovias atuam como grandes barreiras físicas para a fauna silvestre, pois ao serem projetadas, não são consideradas as implantações de passagens seguras para os animais. Estas passagens podem ser previstas através da construção de túneis ou transposições aéreas, objetivando minimizar os impactos gerados, nas populações de animais silvestres, em função dos atropelamentos.

No período do estudo foram observados atropelamentos em dois dias diferentes, de duas espécies: *Didelphis albiventris* (gambá-de-orelhas-brancas) e *Dasypus novemcinctus* (tatu-

galinha). Não foi possível fotografar estes animais, em função do intenso tráfego. A rodovia Anhangüera (SP-330) apresenta um agravante, que é a mureta central que separa as duas pistas que secciona o fluxo da fauna.

Os estudos realizados até o momento, comprovaram que a AID abriga uma fauna representativa com média biodiversidade e consequentemente, com espécies de interesse para a conservação, por tratarem-se de grupos sujeitos a algum tipo de ameaça. A ocupação humana e a consequente destruição dos ecossistemas florestais, são os impactos mais presentes na AID.

7.3.7. Diagnóstico da Área Diretamente Afetada (ADA) – Fauna

7.3.7.1. Descrição Geral

Na Área Diretamente Afetada (ADA) existem três fragmentos florestais de vegetação secundária em estágio médio (Fm1, Fm2 e Fm3), alguns outros fragmentos de pequena dimensão de vegetação secundária em estágio inicial e agrupamentos arbóreos. Apesar destes fragmentos comportarem uma fauna de baixa diversidade, foi levantada na ADA uma espécie indicada na lista de extinção do Estado de São Paulo.

A ADA está inserida em uma região onde se observa o desenvolvimento urbano através de bairros consolidados, avenidas e empresas, entre outros. Está praticamente isolada em relação aos fragmentos de mata do entorno, em função das rodovias Anhangüera (SP-330) a nordeste, dos Bandeirantes (SP-348) a oeste, da Avenida Engº Tasso Pinheiro, ao sul e da Vila Maringá e da Avenida Clemente Rosa, ao norte. Este isolamento é um fator muito prejudicial à fauna silvestre. Outro grande problema é a divisa norte com o bairro Vila Maringá, pois a proximidade com a propriedade e a falta de isolamento (cercas) possibilitam a caça predatória pela população do entorno que adentra a área com certa frequência.

O município de Jundiaí apresenta a Serra do Japi como seu grande patrimônio ambiental além de outros pequenos fragmentos florestais distribuídos pelo município. A ADA está situada próxima da Serra do Japi, tendo como barreira física a rodovia dos Bandeirantes (SP-348).

O isolamento de áreas como a da ADA, em função de rodovias, bairros, entre outros, resulta por causar a extinção de muitas espécies, pois este fator está diretamente relacionado à fragmentação das florestas, que além de diminuir as populações de espécies de plantas e animais mais vulneráveis, também isola aquelas espécies que permanecem nas “ilhas” remanescentes de florestas.

A partir do momento que a vegetação está fragmentada, vários processos ecológicos que envolvem a fauna e a flora são afetados: ocorre instabilidade de populações, comunidades e ecossistemas (Cairns, 1988); populações de algumas espécies podem aumentar, declinar ou serem eliminadas inteiramente, como consequência direta das mudanças do *habitat* (Lovejoy *et al.* 1986).

Este grau de isolamento e o tamanho dos fragmentos podem interferir na composição das comunidades, levando à extinção espécies de baixas densidades e espécies do topo da cadeia trófica, como por exemplo, os carnívoros. Deste modo, os estudos de viabilidade de

populações e monitoramento de reservas, devem ser feitos em espécies chaves com base em estudos de auto-ecologia e dinâmica entre fragmentos (Gilbert, 1980, Soulé, 1987). Considerando-se que mamíferos são bons indicadores do estado de conservação em que um sistema biológico se encontra (Soulé & Wilcox, 1980), monitoramentos contínuos das populações destas áreas tornam-se necessários para se avaliar os impactos das perturbações sobre a diversidade e abundância das espécies (Cerqueira *et al.*, 1995).

Dentre os vertebrados terrestres, as aves e os mamíferos são os grupos que mais contribuem para uma caracterização eficiente das condições ambientais de uma área pois, além de serem bastante diversificados nos seus hábitos e exigências ecológicas, a maioria são ativos durante todo o ano e podem ser registrados por métodos diretos ou indiretos, com relativa segurança.

Na ADA, o estudo da fauna silvestre teve os seguintes objetivos:

- Caracterizar a composição faunística. Esta composição foi realizada por meio de um inventário das comunidades de vertebrados (anfíbios, répteis, aves e mamíferos); e
- Identificar espécies da fauna silvestre com maior prioridade de conservação, principalmente as enquadradas nas listagens oficiais de extinção.

7.3.7.2. Procedimentos Metodológicos

Para iniciar os trabalhos de campo na ADA foi realizado amplo reconhecimento da área, para posterior detecção e identificação da fauna, que envolveram técnicas e procedimentos práticos durante as campanhas. Independentemente das técnicas utilizadas no campo, tais como: o uso de binóculos, espreita, levantamento por pontos, uso de adaptador fotográfico, entre outros, a detecção ocorreu de maneira direta, tanto visual como auditiva. Foi empregado o método de caminhamento que possibilita maior abrangência de área para a observação qualitativa das espécies e o método indireto, através da observação de vestígios, tais como: pegadas, penas, ninhos, tocas, pêlos, pelotas de regurgitação, restos alimentares e fezes.

Os estudos das observações e levantamentos de campo em trechos considerados ecologicamente sensíveis e de provável ocorrência de fauna silvestre, foram realizados nos *habitats* descritos a seguir:

- Vegetação secundária em estágio médio degradado de regeneração;
- Vegetação secundária em estágio inicial de regeneração;
- Vegetação secundária em estágio pioneiro/gramíneas;
- Agrupamentos arbóreos;
- Córregos;
- Área brejosa; e
- Áreas antrópicas (construções e estradas).

Todos os fragmentos florestais da ADA foram visitados para observações em diversos horários.

Para localização em planta, dos trechos de observação, foi utilizada principalmente foto aerofotogramétrica da empresa Base Aerofotogrametria e Projetos S/A, ano de 2005, escala original 1:25.000 e levantamento planialtimétrico indicando a locação dos fragmentos e demais fisionomias, visando identificar, qualificar e quantificar os principais *habitats* faunísticos oferecidos aos vertebrados terrestres.

As espécies foram identificadas em campo consultando-se, quando necessário, guias de campo de identificação geral da fauna silvestre, livros e cd's de identificação e de vocalização.

Para as espécies levantadas foram registrados os dados contidos na ficha de campo, cujo modelo encontra-se a seguir. Estes dados foram introduzidos em um banco de dados para realização das análises. A ficha de levantamento das espécies foi aplicada todas as vezes que se realizou o levantamento de campo na área estudada.

Quadro 7.3.7.2.1. - Modelo de Ficha de Levantamento de Espécies

LEVANTAMENTO DAS ESPÉCIES					
FICHA DE CAMPO Nº		LOCAL:		MUNICÍPIO:	
DATA: / /		HORÁRIO INICIAL: :		HORÁRIO FINAL: :	
RUIDOS DE FUNDO: nulo () fraco () forte ()					
Código para <i>Habitats</i> : Mata (M), Mata Ciliar (MC), Capoeira (C), Brejo, Banhados e Lagos (B), Plantações (PL), Jardins, Parques (J), Pastos (PA), Eucalipto, Pinheiro (E), Bambu (BB), Pomar (PO), Borda (BO)					
Família	Espécie Nome Popular	Espécie Nome Científico	nº de indivíduos	Habitat	Obs

Para a obtenção dos dados foram realizadas várias campanhas, cada uma delas com duração de três a cinco horas de observação, durante o período de março a maio/2007. As campanhas foram efetuadas nos períodos: matutino, vespertino e noturno.

Durante as campanhas de campo utilizou-se o adaptador fotográfico nas observações, sendo que o equipamento foi instalado na área de estudo em quatro pontos diferentes (P1, P2, P3 e P4), conforme se observa na figura a seguir, durante 26 dias, totalizando 624 horas. Foram utilizadas algumas iscas como: banana, mamão, goiaba, manga, abóbora e tipos de carnes (coração-carne de boi e sardinha em conserva), para que os resultados fossem maximizados.

Foram realizadas 17 vistorias em 17 dias de campo, contabilizando 75 horas de trabalho de levantamento de campo da fauna silvestre. Considerando as visitas de campo e as horas do adaptador fotográfico obtêm-se no total, 699 horas de observação.

A seguir, quadro indicando as campanhas de campo.

Quadro 7.3.7.2.2. - Controle das Campanhas de Campo

Março/2007					
Datas	26 (2ª f.)	29 (5ª f.)	31 (sábado)		
Horários	06:30 - 11:00	15:00 - 18:30	06:00 - 10:30		
Abril/2007					
Datas	04 (4ª f.)	09 (2ª f.)	10 (3ª f.)	13 (6ª f.)	
Horários	06:30 - 11:00	06:30 - 11:30	15:00 - 19:00	06:30 - 11:00	
Abril/2007					
Datas	18 (4ª f.)	21 (sábado)	25 (4ª f.)	30 (2ª f.)	
Horários	06:00 - 11:00	06:30 - 10:30	14:00 - 18:00	06:00 - 11:30	
Maio/2007					
Datas	02 (4ª f.)	05 (sábado)	07 (2ª f.)	10 (5ª f.)	11 (6ª f.)
Horários	15:30 - 19:30	06:30 - 11:00	15:00 - 19:00	06:30 - 11:30	06:00 - 11:00
Maio/2007					
Datas	21 (2ª f.)				
Horários	15:00 - 18:30				

a) Levantamento de Anfíbios

Foram explorados vários ambientes para o estudo dos anfíbios anuros (sapos, rãs e pererecas) como: margens do córrego, vegetação marginal dos brejos, serapilheira e poças de água parada.

As identificações das espécies foram realizadas principalmente de maneira direta (visual e auditiva), através de observações em campo e registro das vocalizações comparadas com arquivos sonoros. O levantamento dos anfíbios foi realizado com maior frequência durante os períodos de chuvas.

A nomenclatura científica e ordem taxonômica seguem a disposição proposta por Faivovich *et alii* (2005), organizado por Segalla, M. (2005), pela Sociedade Brasileira de Herpetologia.

b) Levantamento de Répteis

O estudo de répteis em regiões florestais é dificultado pela baixa densidade de indivíduos, tendência umbrófila ou hábitos discretos de grande parte das espécies, vegetação densa e grande quantidade de serapilheira no solo, Duellman 1987.

O levantamento dos répteis foi realizado nos períodos mais quentes do dia. As identificações foram realizadas de maneira direta (visual), através de caminhadas, inspecionando-se os ambientes mais prováveis de localizá-los.

A nomenclatura científica e ordem taxonômica seguem a disposição organizada por Bérnills, R. S. (2005), pela Sociedade Brasileira de Herpetologia.

c) Levantamento de Aves

Em relação a avifauna, tida como excelente bioindicador, foram analisados os *habitats* locais e suas condições de suporte, bem como, realização de observações no local no período diurno em que as aves se encontram mais ativas, ou seja, nas primeiras horas

da manhã e/ou no final da tarde e visitas noturnas para abranger todas as famílias. Para tanto, utilizou-se a técnica de campo convencional, como: reconhecimento visual com auxílio de binóculos, identificação de vocalizações (cantos, pios, chamadas e gritos de alerta) e busca por vestígios ou evidências de ocorrência, tais como: penas, ninhos, ovos e pelotas de regurgitação. Os registros também foram feitos com mini-gravador e máquina fotográfica. Algumas espécies de aves foram fotografadas pelo adaptador fotográfico.

A nomenclatura científica e ordem taxonômica seguem a disposição proposta por Sick (2001).

d) Levantamentos de Mamíferos

Antigamente, as pesquisas e levantamentos faunísticos eram feitas apenas com base na coleta de pegadas e restos de alimentos. No entanto, estas técnicas indiretas de estudo nem sempre garantiram a identificação e a individualização segura do animal.

Com o uso de adaptador fotográfico automático ou armadilha fotográfica, estudos desta natureza, principalmente os que envolvem espécies de hábitos crepusculares e noturnos, e por isso de difícil observação, puderam ser otimizados, pois a obtenção da fotografia de um determinado animal pode representar uma observação direta, e até mesmo ser considerada como uma captura, ou seja, pode substituir métodos cuja aquisição dos resultados é difícil, demorada e estressante para o animal.

Como cada foto registra a data que o animal foi fotografado, há a possibilidade de se obter dados sobre padrões de movimento e frequência de uso das áreas. Estas informações contribuem de forma expressiva para o esclarecimento de alguns aspectos sobre a biologia e comportamento das espécies, especialmente daquelas ameaçadas de extinção (Cullen, 2000).

A Trapa-câmera foi a armadilha fotográfica automática utilizada, dotada de sensor infra-vermelho que detecta movimentos de animais num raio de até 6 m. Com funcionamento totalmente autônomo. É ideal para efetuar sensoriamento da fauna sem interferir nos hábitos e costumes dos animais e sem alterar seu meio-ambiente.

Características da Câmera

- Utiliza máquina fotográfica Canon BF-10 Date (com datador, flash e visor digital);
- Sensor de presença infra-vermelho, com alcance de 4 a 8 m;
- Totalmente controlada por micro-processador, com as funções programadas através de display de cristal líquido;
- Disparo da máquina fotográfica totalmente eletrônico, sem reles ou peças móveis;
- Liga/desliga interno, eletrônico, acionado magneticamente, sem chaves externas;
- Funcionamento inteiramente automático - basta instalar e ligar;

- Caixa de metal, blindada, totalmente à prova d'água, com dispositivo anti-furto, composto de cabo-de-aço e cadeado, já incluído no modelo padrão;
- Janela para verificar o visor da câmera sem a necessidade de abrir a caixa;
- Pintura especial de camuflagem;
- Caixa emborrachada para maior proteção e melhor aderência na fixação;
- Regulagem do tempo entre duas fotos sucessivas de 10 a 90 segundos; e
- Utiliza 3 pilhas normais, tipo AA, para a Trapa e 2 para a máquina fotográfica.

A seguir, segue foto aerofotogramétrica indicando os quatro pontos de instalação do equipamento fotográfico nos fragmentos florestais:

Figura 7.3.7.2.1. - Pontos de Instalação do Adaptador Fotográfico (P1, P, P3 e P4) na ADA



Conforme citado anteriormente, para a detecção das espécies, foi utilizado o adaptador fotográfico e, como forma de atrair os animais, foram utilizadas iscas (banana, mamão, goiaba, manga, carne crua, coração e sardinha em conserva). É importante ressaltar que as iscas foram utilizadas apenas para que se obtivesse bons resultados em um período curto de tempo. Foram colocadas em locais diferentes para não criar pontos de ceva para os animais.

Outros métodos utilizados foram: vocalização, coleta de pêlos e de fezes e trajetos aleatórios que objetivam cruzar a rota dos animais. Igualmente foi utilizada a modelagem de pegadas com a utilização de transparência e caneta adequada. Através das pegadas foi possível identificar, em algumas ocasiões, animais não avistados e nem fotografados pelo adaptador fotográfico.

A nomenclatura científica e ordem taxonômica seguem a disposição proposta por Fonseca *et al.* (1996).



Foto 7.3.7.2.1. - Em primeiro plano, detalhe da ceva para maximizar os resultados do trabalho. Ao fundo (círculo vermelho), equipamento fotográfico utilizado.

7.3.7.3. Inventário das Espécies da Fauna Silvestre

Foram identificadas no total, 86 espécies da fauna silvestre, sendo:

- 04 espécies de anfíbios, sendo distribuídas em: 01 ordem, 03 famílias;
- 05 espécies de répteis, sendo distribuídas em: 01 ordem, 03 famílias;
- 67 espécies de aves, sendo distribuídas em: 14 ordens, 28 famílias;

- 10 espécies de mamíferos, sendo distribuídas em: 05 ordens, 10 famílias.

Entre as espécies levantadas, a espécie *Agouti paca* está indicada na lista de ameaça: "Lista da Fauna Silvestre Ameaçada de Extinção no Estado de São Paulo – Decreto Estadual nº 42.838, de 04/02/98", no Anexo I (da lei).

7.3.7.4. Considerações sobre Espécies Ameaçadas de Extinção

As categorias ameaçadas de extinção de cada espécie são fornecidas de acordo com as seguintes listas oficiais, descritas a seguir:

(*) Lista do Estado de São Paulo da Fauna Ameaçada de Extinção - Decreto Estadual nº 42.838 de 04/02/98.

Anexo I - "Vulnerável": Espécies que apresentam um alto risco de extinção em médio prazo. Esta situação é decorrente ou de alterações ambientais preocupantes, ou da redução populacional ou ainda, da diminuição da área de distribuição do "táxon" em questão, considerando um intervalo pequeno de tempo (dez anos ou três gerações).

De acordo com as categorias de ameaça sugeridas pelo setor acadêmico para enquadramento das Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção (a partir dos critérios internacionais utilizados pela União Mundial para a Natureza), a "categoria de ameaça" que a espécie registrada na área se enquadra, é: Vulnerável.

Um táxon está "vulnerável" quando a melhor evidência disponível indica que ele se enquadra em qualquer um dos critérios indicados a seguir:

- A - Redução no tamanho da população;
- B - Distribuição geográfica - extensão de ocorrência (1) área de ocupação (2) ou ambas;
- C - Tamanho da população estimada em menos de 10.000 indivíduos adultos em qualquer das seguintes situações:
 - C1 - População muito pequena ou restrita, em uma das seguintes formas;
 - C2 - Análise quantitativa mostrando que a probabilidade de extinção na natureza é de, pelo menos, 10% em 100 anos.

7.3.7.5. Anfíbios

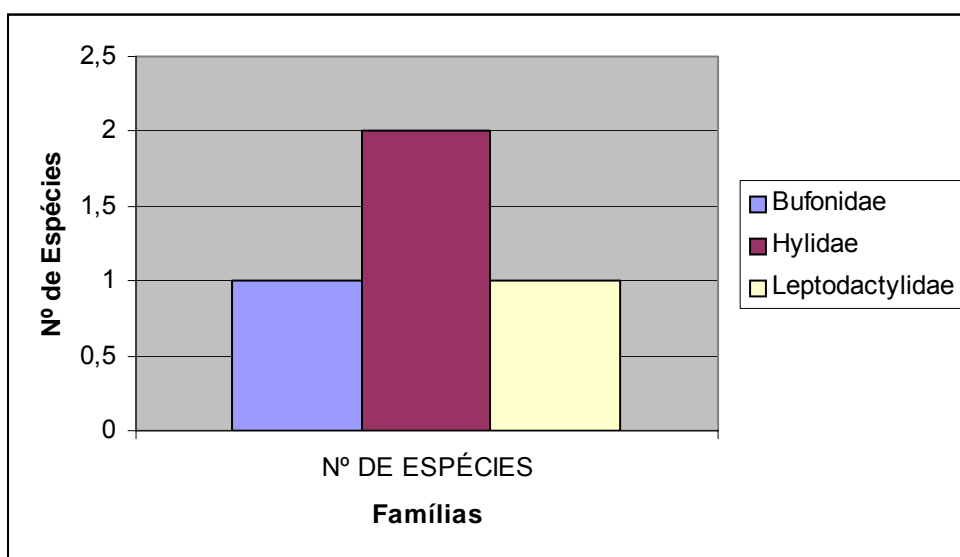
Foram registradas 04 espécies de anfíbios na ADA, distribuídas em 01 ordem e 03 famílias, conforme quadro e gráfico (**Figura 7.3.7.5.1**) a seguir.

Pelo quadro, observa-se maior riqueza das seguintes espécies: Hylidae (02), seguida de Leptodactylidae (01) e Bufonidae (01).





Quadro 7.3.7.5.1. - Análise Quantitativa - Riqueza de Espécies de Anfíbios

Família	Nº de Espécies
Bufonidae	01
Hylidae	02
Leptodactylidae	01
Total 03	04

Figura 7.3.7.5.1. - Análise Quantitativa - Riqueza de Espécies de Anfíbios



Lista do Levantamento das Espécies de Anfíbios

ANFÍBIOS Ordem Anura	
<p>Família: Bufonidae Nome Científico: <i>Bufo ictericus</i> Nome Popular: sapo-comum</p> 	<p>Família: Hylidae Nome Científico: <i>Dendropsophus minutus</i> Nome Popular: pererequinha-do-brejo</p> 
<p>Família: Hylidae Nome Científico: <i>Scinax fuscovarius</i> Nome Popular: Perereca-do-banheiro, raspa cuia</p> 	<p>Família: Leptodactylidae Nome Científico: <i>Leptodactylus ocellatus</i> Nome Popular: rã-comum, rã-manteiga</p> 

A família Hylidae, que apresenta o maior número de espécies na ADA é a segunda maior família de anuros. As pererecas são extremamente diversificadas na morfologia externa e coloração. Os discos arredondados presentes nas pontas dos dedos das mãos e pés são características próprias para a identificação dos hílideos sul-americanos e constituem adaptação ao modo de vida arborícola e escalador.

A família Leptodactylidae é a maior família de anuros. São extremamente diversificados na aparência e em aspectos da História Natural. Existem espécies exclusivamente aquáticas como também, independentes da água. As espécies terrícolas são semelhantes a sapos, existindo também graciosas formas arborícolas, bem como grandes predadores de vertebrados e pequenos comedores de insetos.



A família Bufonidae vive no solo, tem hábitos fossórios e escavadores. São animais úteis ao homem, pois controlam as populações de insetos e lesmas, tidas como pragas da agricultura.

Foto 7.3.7.5.1. - Bufonidae - *Bufo ictericus* - Sapo-comum (observação direta de um anuro na ADA)

7.3.7.6. Répteis

Foram registradas 05 espécies de répteis, na ADA, distribuídas em 01 Ordem e 03 Famílias, sendo duas espécies de serpentes e três de lagartos.

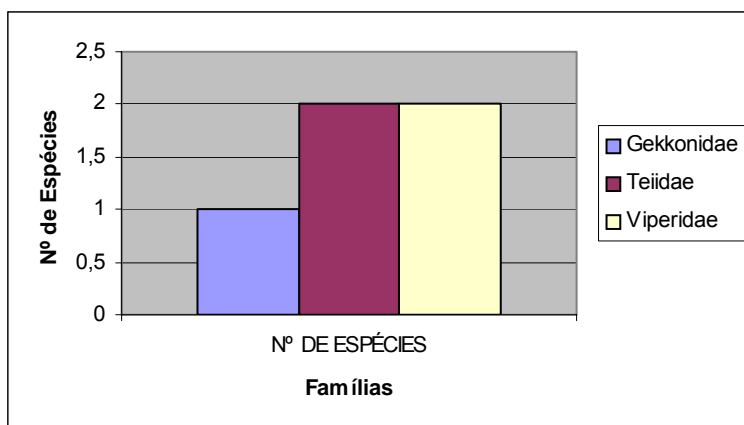
A maioria destas espécies apresenta distribuição geográfica ampla, ocorrendo em boa parte da América do Sul (Vanzolini, 1986a, b, 1988).

As famílias registradas apresentam um equilíbrio na riqueza de espécies. A seguir, quadro e gráfico quantitativo das famílias/nº espécies (**Figura 7.3.7.6.1**).

Quadro 7.3.7.6.1. - Análise Quantitativa - Riqueza de Espécies de Répteis

Família	Nº de Espécies
Gekkonidae	01
Teiidae	02
Viperidae	02
Total 03	05

Figura 7.3.7.6.1. - Análise Quantitativa - Riqueza de Espécies de Répteis



Lista do Levantamento das Espécies de Répteis

RÉPTEIS

Ordem Squamata / SubOrdem: Sauria (Lagartos)

Família: Gekkonidae

Nome Científico: *Hemidactylus mabouia*

Nome Popular: Lagartixa



Família: Teiidae

Nome Científico: *Ameiva ameiva*

Nome Popular: Calango



Ordem Squamata / SubOrdem: Sauria (Lagartos)

Família: Teiidae

Nome Científico: *Tupinambis teguixim*

Nome Popular: Teiú



Ordem Squamata / SubOrdem: Serpentes

Família: Viperidae

Nome Científico: *Bothrops jararaca*

Nome Popular: Jararaca



Família: Viperidae

Nome Científico: *Crotalus durissus*

Nome Popular: Cascavel



As duas espécies de serpentes registradas na ADA são serpentes peçonhentas: *Bothrops jararaca* (jararaca) e *Crotalus durissus* (cascavel), sendo, ambas, de importância para a medicina, odontologia e agricultura.

- *Bothrops jararaca* (jararaca): O veneno desta espécie está associado ao controle da pressão sanguínea e muitos outros processos fisiológicos e patológicos, e;
- *Crotalus durissus* (cascavel): Uma substância, extraída a partir do veneno da cascavel, tem poder analgésico 600 vezes maior que a morfina, podendo ser a base para a criação de um novo medicamento que não venha a causar dependência.

Atualmente, muitas pesquisas estão sendo realizadas. Uma delas diz respeito à utilização do veneno de serpente na odontologia. O emprego que se considera mais relevante é o preventivo e refere-se ao uso como selante em dentes de crianças, no combate às bactérias causadoras da cárie.

O mesmo equilíbrio foi observado no emprego dessas frações contra bactérias fitopatogênicas, por isso o seu interesse para a agricultura, apresentando vantagens, pois além da ausência de efeitos residuais, não apresentam toxicidade.

O veneno também é utilizado na produção de alimentos enlatados, no combate às bactérias, agindo como antibióticos naturais.

A partir de todos estes exemplos, pode-se observar a importância destes animais peçonhentos.



O lagarto *Tupinambis teguixim* (teiu) tem ocorrência abundante em praticamente todo o Estado de São Paulo, sendo comum e conspícua em ambientes abertos no domínio da Mata Atlântica.

Foto 7.3.7.6.1. - Observação Direta de uma Espécie de Réptil

7.3.7.7. Aves

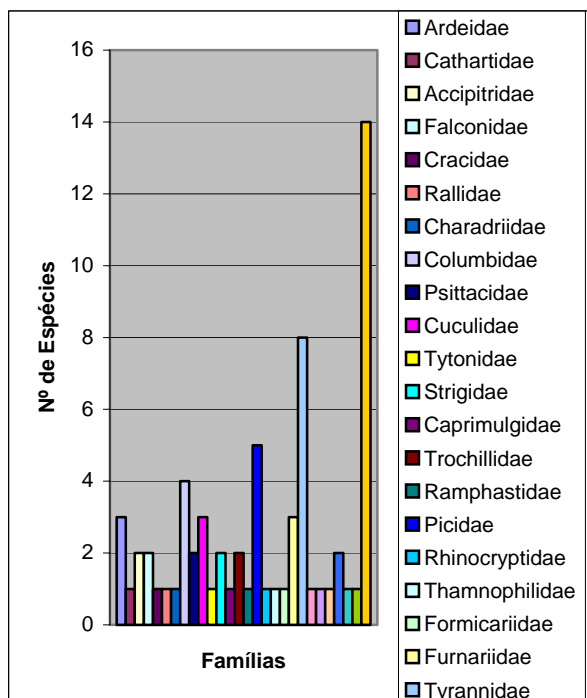
A avifauna levantada na ADA apresentou 67 espécies de aves, distribuídas em 14 ordens e 28 famílias, nos diferentes ambientes visitados.

Pelo quadro apresentado a seguir, observa-se maior riqueza das seguintes espécies: Emberizidae (14), Tyrannidae (08), seguida da Picidae (05).







Quadro 7.3.7.7.1. - Análise Quantitativa - Riqueza de Espécies de Aves

Família	Nº de Espécies
Ardeidae	03
Cathartidae	01
Accipitridae	02
Falconidae	02
Cracidae	01
Rallidae	01
Charadriidae	01
Columbidae	04
Psittacidae	02
Cuculidae	03
Tytonidae	01
Strigidae	02
Caprimulgidae	01
Trochillidae	02
Ramphastidae	01
Picidae	05
Rhinocryptidae	01
Thamnophilidae	01
Formicariidae	01
Furnariidae	03
Tyrannidae	08
Hirundinidae	01
Troglodytidae	01
Corvidae	01
Turdidae	02
Mimidae	01
Vireonidae	01
Emberizidae	14
Total 28	TOTAL 67

Figura 7.3.7.7.1. - Análise Quantitativa - Riqueza de Espécies de Aves



Lista do Levantamento das Espécies de Aves

AVES	
Ordem Ciconiiformes	
<p>Família: Ardeidae Nome Científico: <i>Casmerodius albus</i> Nome Popular: Garça-grande-branca</p> 	<p>Família: Ardeidae Nome Científico: <i>Bubulcus ibis</i> Nome Popular: Garça-vaqueira</p> 
Ordem Psittaciformes	
<p>Família: Psittacidae Nome Científico: <i>Forpus xanthopterygius</i> Nome Popular: Tuim</p> 	<p>Família: Psittacidae Nome Científico: <i>Aratinga leucophthalma</i> Nome Popular: Periquitão-maracanã</p> 
Ordem Cuculiformes	
<p>Família: Cuculidae Nome Científico: <i>Piaya cayana</i> Nome Popular: Alma-de-gato</p> 	<p>Família: Cuculidae Nome Científico: <i>Crotophaga ani</i> Nome Popular: Anu-preto</p> 

Família: Cuculidae

Nome Científico: *Guira guira*

Nome Popular: Anu-branco



Ordem Strigiformes

Família: Tytonidae

Nome Científico: *Tyto alba*

Nome Popular: Suindara



Família: Strigidae

Nome Científico: *Otus choliba*

Nome Popular: Corujinha-do-mato

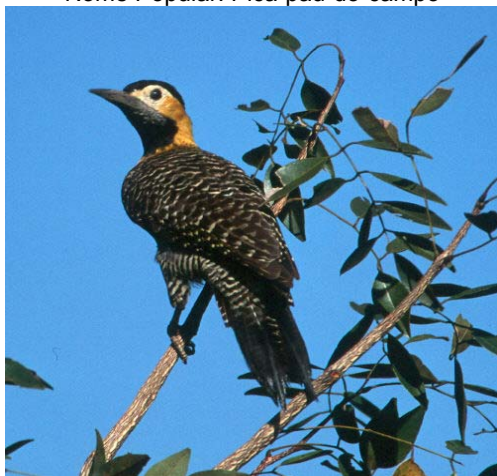


Ordem Piciformes

Família: Picidae

Nome Científico: *Colaptes campestris*

Nome Popular: Pica-pau-do-campo



Família: Picidae

Nome Científico: *Celeus flavescens*

Nome Popular: João-velho



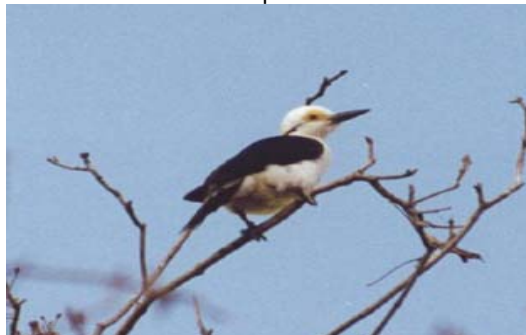
Família: Picidae

Nome Científico: *Dryocopus lineatus*
Nome Popular: Pica-pau-de-banda-branca



Família: Picidae

Nome Científico: *Melanerpes candidus*
Nome Popular: Birro



Ordem Passeriformes

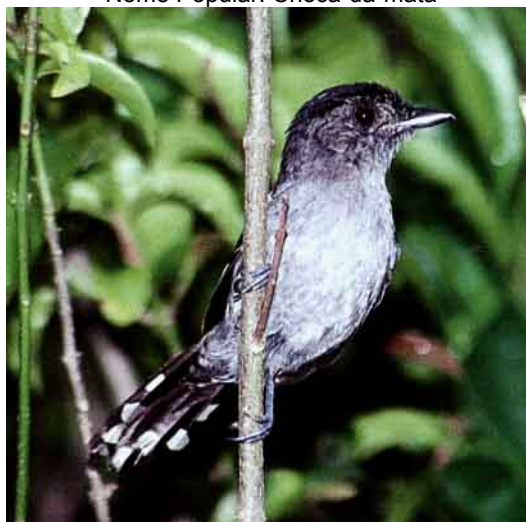
Família: Rhinocryptidae

Nome Científico: *Scytalopus indigoticus*
Nome Popular: Macuquinho



Família: Thamnophilidae

Nome Científico: *Thamnophilus caerulescens*
Nome Popular: Choca-da-mata



Família: Formicariidae

Nome Científico: *Conopophaga lineata*
Nome Popular: Chupa-dente



Família: Furnariidae

Nome Científico: *Furnarius rufus*
Nome Popular: João-de-barro



Ordem Passeriformes

Família: Furnariidae

Nome Científico: *Synallaxis spixi*
Nome Popular: João-teneném



Família: Furnariidae

Nome Científico: *Synallaxis frontalis*
Nome Popular: Petrim



Família: Tyrannidae

Nome Científico: *Camptostoma obsoletum*
Nome Popular: Risadinha



Família: Tyrannidae

Nome Científico: *Serpophaga subcristata*
Nome Popular: Alegrinho



Família: Tyrannidae

Nome Científico: *Todirostrum cinereum*
Nome Popular: Relógio



Família: Tyrannidae

Nome Científico: *Fluvicola nengeta*
Nome Popular: Lavadeira-mascarada



Família: Tyrannidae

Nome Científico: *Machetornis rixosus*

Nome Popular: Bem-te-vi-do-gado



Família: Tyrannidae

Nome Científico: *Pitangus sulphuratus*

Nome Popular: Bem-te-vi



Ordem Passeriformes

Família: Tyrannidae

Nome Científico: *Tyrannus savana*

Nome Popular: Tesoura



Família: Tyrannidae

Nome Científico: *Tyrannus melancholicus*

Nome Popular: Suiriri



Família: Hirundinidae

Nome Científico: *Notiochelidon cyanoleuca*

Nome Popular: Andorinha-pequena-de-casa



Família: Troglodytidae

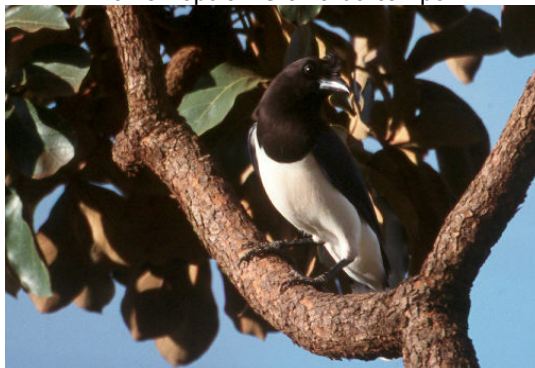
Nome Científico: *Troglodytes aedon*

Nome Popular: Corruíra



Família: Corvidae

Nome Científico: *Cyanocorax cristatellus*
Nome Popular: Gralha-do-campo



Família: Turdidae

Nome Científico: *Turdus rufiventris*
Nome Popular: Sabiá-laranjeira



Família: Turdidae

Nome Científico: *Turdus leucomelas*
Nome Popular: Sabiá-branco



Família: Mimidae

Nome Científico: *Mimus saturninus*
Nome Popular: Arrebata-rabo



Ordem Passeriformes

Família: Vireonidae

Nome Científico: *Cyclarhis gujanensis*
Nome Popular: Pitiguari



Família: Emberizidae

Nome Científico: *Geothlypis aequinoctialis*
Nome Popular: Pia-cobra



Família: Emberizadae

Nome Científico: *Basileuterus culicivorus*
Nome Popular: Pula-pula



Família: Emberizadae

Nome Científico: *Basileuterus leucoblepharus*
Nome Popular: Pula-pula-assobiador



Família: Emberizadae

Nome Científico: *Coereba flaveola*
Nome Popular: Cambacica, Sebinho



Família: Emberizadae

Nome Científico: *Tachyphonus coronatus*
Nome Popular: Tiê-preto



Família: Emberizadae

Nome Científico: *Thraupis sayaca*
Nome Popular: Sanhaço-cinzento



Família: Emberizadae

Nome Científico: *Thraupis palmarum*
Nome Popular: Sanhaço- do-coqueiro



Ordem Passeriformes

Família: Emberizadae

Nome Científico: *Euphonia chlorotica*
Nome Popular: Fifi-verdadeiro



Família: Emberizadae

Nome Científico: *Tangara cayana*
Nome Popular: Saira-amarelo



Família: Emberizadae

Nome Científico: *Zonotrichia capensis*
Nome Popular: Tico-tico



Família: Emberizadae

Nome Científico: *Volatinia jacarina*
Nome Popular: Tiziu



♂



♀

Família: Emberizadae

Nome Científico: *Sporophila caerulescens*
Nome Popular: Papa-capim, Coleirinho



Família: Emberizadae

Nome Científico: *Pseudoleistes guirahuro*
Nome Popular: Chopim-do-brejo



Família: Emberizadae

Nome Científico: *Molothrus bonariensis*
Nome Popular: Chopim



Como pode ser observado a Família Emberizidae é a mais representativa, apresentando 14 espécies. No colorido, dominam as cores verde e amarela, havendo com frequência algum desenho marcante na cabeça. A voz é geralmente suave e cantam durante o ano todo. São insetívoros. Bastante inquietos no seu comportamento, destacando-se pelos movimentos da cauda.

A Família Tyrannidae, com 08 espécies observadas é a maior família de aves no hemisfério ocidental. Entre os tiranídeos estão os pássaros mais populares do Brasil, como o bem-te-vi e o suiriri. Ocupam todos os tipos de paisagem no país. A maioria é arborícola e vive na mata, alguns invadem as cidades. A alimentação consiste predominantemente de artrópodes. A sua vocalização consiste de gritos estridentes, vozes baixas chiadas e assobios melódiosos.

Pode-se avaliar o efeito do ambiente na composição atual da avifauna da área estudada, onde predominam espécies não florestais e espécies florestais de *habitats* secundários e marginais.

Muitas das espécies que compõem a maioria da avifauna da ADA participam de processos ecológicos responsáveis pela manutenção da dinâmica em florestas tropicais, como a

polinização e dispersão de sementes, importantes no contexto da avaliação ambiental a que a área está submetida.

Duas espécies de aves foram registradas pelo adaptador fotográfico, como é o caso de: *Aramides saracura* (saracura-do-mato) e um cracídeo: *Penelope superciliares* (jacupemba), espécie cinegética relativamente comum nas matas e capoeiras do interior do Estado, e que foi avistada com frequência na área.

A seguir, fotos de observação direta de algumas espécies de aves.

Foto 7.3.7.7.1. - Cathartidae - *Coragyps atratus* - Urubu-comum



Foto 7.3.7.7.2. - Accipitridae - *Elanus leucurus* - Peneira



Foto 7.3.7.7.3. - Falconidae - *Milvago chimachima* – Carrapateiro



Foto 7.3.7.7.4. - Cracidae - *Penelope superciliaris* - Jacupemba



Obs: Foto tirada com adaptador fotográfico, uma família com quatro indivíduos. Data: 11/04/07 às 15:11 h.

Foto 7.3.7.7.5. - Charadriidae - *Vanellus chilensis* - Quero-quero



Foto 7.3.7.7.6. - Columbidae - *Columbina talpacoti* - Rolinha



Foto 7.3.7.7. - Psittacidae - *Forpus xanthopterygius* - Tuim



Foto 7.3.7.8. - Cuculidae - *Piaya cayana* - Alma-de-gato



Foto 7.3.7.7.9. - Cuculidae - *Crotophaga ani* - Anu-preto



Foto 7.3.7.7.10. - Trochilidae - *Eupetomena macroura* - Beija-flor-tesoura, Tesourão



Foto 7.3.7.7.11. - Furnariidae - *Furnarius rufus* - João-de-barro



Obs: Casa do João-de-barro.

Foto 7.3.7.7.12. - Tyrannidae - *Todirostrum cinereum* - Relógio



Foto 7.3.7.7.13. - Tyrannidae - *Fluvicola nengeta* - Lavadeira-mascarada



Foto 7.3.7.7.14. - Tyrannidae - *Machetornis rixosus* - Bem-te-vi-do-gado



Foto 7.3.7.7.15. - Turdidae - *Turdus rufiventris* - Sabiá-laranjeira



Obs: Foto tirada com adaptador fotográfico. Data: 14/05/07 às 14:07 h.

Foto 7.3.7.7.16. - Turdidae - *Turdus leucomelas* - Sabiá-branco



7.3.7.8. Mamíferos

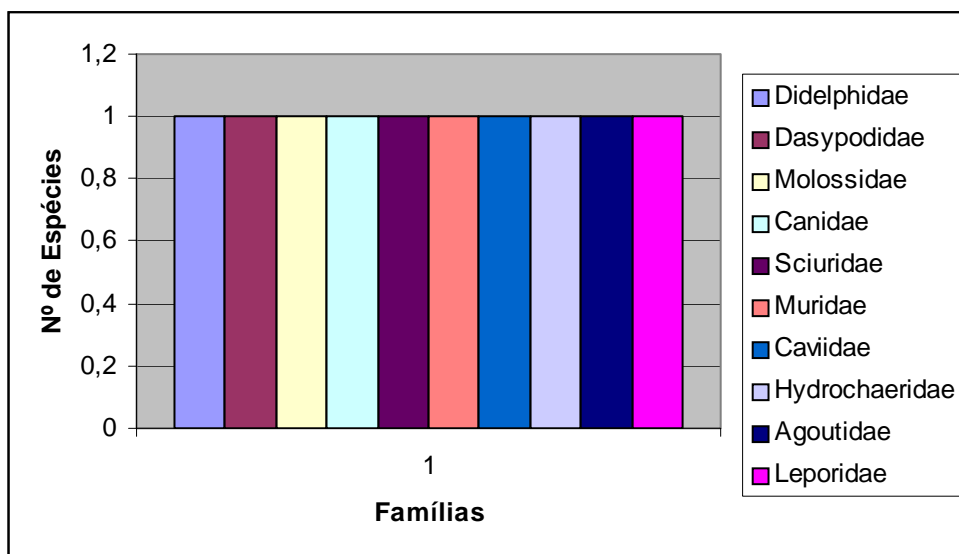
A mastofauna da ADA apresenta uma riqueza específica básica de 10 espécies de mamíferos, distribuídas em 05 ordens e 10 famílias.

Segue o quadro e o gráfico quantitativo das famílias/nº espécies (**Figura 7.3.7.8.1**).

Quadro 7.3.7.8.1. - Análise Quantitativa - Riqueza de Espécies de Mamíferos

Família	Nº de Espécies
Didelphidae	01
Dasypodidae	01
Molossidae	01
Canidae	01
Sciuridae	01
Muridae	01
Caviidae	01
Hydrochaeridae	01
Agoutidae	01
Leporidae	01
Total 10	10

Figura 7.3.7.8.1. - Análise Quantitativa - Riqueza de Espécies de Mamíferos



Lista do Levantamento das Espécies de Mamíferos

MAMÍFEROS

Ordem Didelphimorphia

Família: Didelphidae

Nome Científico: *Didelphis albiventris*

Nome Popular: Gambá-de-orelhas-brancas



Ordem Xenarthra

Família: Dasypodidae

Nome Científico: *Dasypus novemcinctus*

Nome Popular: Tatu-galinha



Ordem Chiroptera

Família: Molossidae

Nome Científico: *Tadarida brasiliensis*

Nome Popular: Morcegozinho-das-casas



Ordem Carnivora

Família: Canidae

Nome Científico: *Cerdocyon thous*

Nome Popular: Cachorro-do-mato



Ordem Rodentia

Família: Sciuridae

Nome Científico: *Sciurus ingrami*

Nome Popular: Caxinguelê, serelepe



Família: Muridae

Nome Científico: *Bolomys lasiurus*

Nome Popular: Rato-do-mato



Família: Caviidae

Nome Científico: *Cavia aperea*

Nome Popular: Preá



Família: Hydrochaeridae

Nome Científico: *Hydrochaeris hydrochaeris*

Nome Popular: Capivara



Família: Agoutidae

Nome Científico: *Agouti paca*

Nome Popular: Paca



Ordem Lagomorpha

Família: Leporidae

Nome Científico: *Sylvilagus brasiliensis*

Nome Popular: Tapeti



As espécies de mamíferos observadas na ADA utilizam os *habitats* florestais e áreas próximas ao córrego 1 ou córrego das Pedreiras, os quais atestam a disponibilidade de bons refúgios e de recursos para a manutenção de suas populações.

O conhecimento da biologia dos mamíferos tem colocado em evidência a importância em uma série de processos no ecossistema local. Aparentemente, as espécies frugívoras e herbívoras, como veados e roedores de grande porte, desempenham papel muito importante na manutenção da diversidade de árvores da floresta, através da dispersão e predação de sementes e da predação de plântulas (De Steven & Putz 1994;

Dirzo & Miranda 1991; Fragoso 1994), ao passo que os carnívoros regularizam as populações de herbívoros e frugívoros (Emmons 1987; Terborgh 1988, 1990, 1992; Terborgh *et al.* 2001). A baixa densidade ou a extinção local de predadores de topo, aparentemente leva também ao aumento de densidade de espécies de médio porte de hábitos generalistas (mesopredadores), o que pode causar alterações drásticas nas comunidades de pequenos vertebrados como, aves e pequenos mamíferos (Fonseca & Robinson 1990; Palomares *et al.* 1995; Rogers & Caro 1997; Terborgh *et al.* 1997; Sieving & Harr 1997; Crooks & Soulé 1999).

O adaptador fotográfico registrou quatro espécies: *Didelphis albiventris* (gambá-de-orelhas-brancas), *Cerdocyon thous* (cachorro-do-mato), *Sylvilagus brasiliensis* (tapeti) e *Agouti paca* (paca), conforme pode ser observado nas fotos. As restantes espécies indicadas nas fotos foram visualizadas. Das dez espécies de mamíferos levantadas na ADA, uma delas (*Agouti paca*) está na lista de espécie ameaçada do Estado de São Paulo. Serão apresentados a seguir, os respectivos locais de ocorrência dentro da ADA e a descrição da espécie.

Figura 7.3.7.8.2. - Pontos onde foram fotografados a espécie *Agouti Paca*



- ***Agouti paca***

Classificação da espécie na Lista de SP: *Agouti paca* (Linnaeus, 1766) paca A-VU (A= Ameaçada - VU=Vulnerável). Esta espécie foi registrada através do adaptador fotográfico. O fato da espécie *Agouti paca* (paca) estar indicada na lista é consequência principal da caça, pois tem a carne saborosa, associada à redução de

habitat. É o segundo maior roedor do Brasil. Alimenta-se de material vegetal mais duro, como tubérculos, brotos e frutos caídos. Habita tocas. É terrestre e possui hábitos noturnos.

A seguir, fotos das espécies de mamíferos.

Foto 7.3.7.8.1. - Didelphidae - *Didelphis albiventris* - Gambá-de-orelhas-brancas



Obs: Foto tirada com adaptador fotográfico. Data: 01/05/07 – 19:25 h.

Foto 7.3.7.8.2. - Dasypodidae - *Dasypus novemcinctus* - Tatu-galinha



Obs: Foto tirada com adaptador fotográfico. Data: 17/05/07 – 22:45 h.

Foto 7.3.7.8.3. - Dasypodidae - *Dasypus novemcinctus* - Tatu-galinha (Vestígio: Toca)



Foto 7.3.7.8.4. - Canidae - *Cerdocyon thous* - Cachorro-do-mato



Obs: Foto tirada com adaptador fotográfico. Data: 09/05/07 às 21:40 h.

Foto 7.3.7.8.5. - Sciuridae - *Sciurus ingrami* - Caxinguelê, serelepe



Foto 7.3.7.8.6. - Muridae - *Bolomys lasiurus* - Rato-do-mato



Foto 7.3.7.8.7. - Agoutidae - *Agouti paca* - Paca



Obs: Foto tirada com adaptador fotográfico. Data: 30/04/07 às 19:19 h.

Foto 7.3.7.8.8. - Leporidae - *Sylvilagus brasiliensis* - Tapeti



Obs: Foto tirada com adaptador fotográfico. Data: 02/05/07 às 03:57 h.

7.3.7.9. *Considerações Finais*

Os levantamentos realizados na ADA e no entorno permitem concluir que a fauna silvestre da ADA apresenta baixa diversidade de espécies, quando comparada com a AII e a AID. Esta diferença se deve em função do uso pretérito da ADA (criação de gado, eqüinos e mais recentemente caprinos), da proximidade com bairros residenciais, cuja população acaba por utilizar o local, e pela barreira física resultante das implantações das Rodovias (Anhangüera e Bandeirantes), avenidas e bairros residenciais que resultaram no isolamento da área. É oportuno informar que a cobertura vegetal remanescente na ADA oferece baixa oferta de alimentos, abrigo e local para nidificação, ajudando a agravar a baixa utilização da área por espécies da fauna silvestre.